



GT 22 – Urbanização e cidades na era digital: desigualdades e resistências

A FRAGMENTAÇÃO SOCIOESPACIAL E AS ARTICULAÇÕES DO BAIRO INFORMACIONAL GRANJA MARILEUSA

Autor: Amanda Silva Almeida

Filiação institucional: Universidade Federal de Alfenas

E-mail: amndaalmeida.geo@gmail.com

RESUMO:

O presente trabalho analisa a dinâmica do bairro Granja Marileusa, localizado em Uberlândia (MG), imerso em uma realidade permeada pela informação e pela construção histórica da imagem da cidade em torno do desenvolvimento e progresso. Nosso objetivo é investigar como essa dinâmica impacta a configuração socioespacial do bairro, especialmente em relação à fragmentação socioespacial. Para alcançar esse propósito, conduzimos uma revisão crítica da literatura, explorando conceitos-chave como fragmentação socioespacial, a influência do marketing na construção da imagem urbana e o papel das ações da corporação *Algar Holding* na configuração do espaço urbano. Como principal conclusão, constatamos como as elites empresariais locais exercem influência e moldam o espaço intraurbano de Uberlândia, simultaneamente obscurecendo as contradições e desigualdades existentes na cidade.

Palavras-chave: Fragmentação socioespacial, Granja Marileusa, Bairro Informacional

1. INTRODUÇÃO

A contemporaneidade vigente é marcada por uma série de transformações globais que redefinem as necessidades e estruturas dos usos do território. No âmbito da globalização, as exigências de produção e circulação se tornam cada vez mais complexas, demandando constantes redefinições específicas no planejamento e organização das cidades. Observamos, assim, marcantes processos que reconfiguram o espaço urbano para atender às demandas da economia globalizada.

É nesse contexto que reconhecemos que a intensificação do processo de urbanização sob os ditames capitalistas afetou a produção das cidades, tanto no que se refere aos seus espaços quanto no que diz respeito às relações neles estabelecidas (Santos e Magrini, 2020). Hoje, o espaço inerente à cidade capitalista, sobretudo das grandes cidades, é caracterizado essencialmente pelo fato de ser diferenciado, se tornando um mosaico irregular com áreas de diversos tamanhos, formas e conteúdos, produzidos por agentes sociais diferenciados (Marcuse, 2003). A este fenômeno, é atribuída a noção de fragmentação socioespacial (Sposito, 2011; Sposito e Goés, 2013; Sposito, 2018; Sposito e Sposito, 2020).

Dentro desse escopo, chama-se a atenção a crescente utilização nos últimos anos de termos como "cidades virtuais" e "cidades digitais" para descrever projetos urbanos que integram tecnologias voltadas para a melhoria da qualidade de vida e a otimização dos serviços públicos. Dentro desse contexto, surgiu também o conceito de *smart city*, ou cidade inteligente, como uma tentativa frágil e pautada pelo marketing urbano de englobar essas diversas abordagens sob um termo mais amplo (Fariniuk, 2018).

Diante desse cenário, nosso trabalho objetiva identificar as nuances que se inserem nas margens do contexto intraurbano de Uberlândia (MG), focando na emergência do Bairro Granja Marileusa como um bairro informacional fomentado e criado pelo grupo *Algar Holding*. Para tanto, a partir de uma breve revisão da literatura, iremos explorar as principais atribuições acerca da fragmentação socioespacial enquanto conceito e/ou paradigma. Posteriormente, temos como objetivo identificar e averiguar seus desdobramentos no que tange, sobretudo, à questão da informação na cidade de Uberlândia (MG), tomando as apreciações e a localização do Bairro Granja Marileusa como estudo de caso.

2. NOTAS ACERCA DA FRAGMENTAÇÃO SOCIOESPACIAL

A fragmentação socioespacial deve ser entendida como um processo multidimensional observável e aferível nas cidades, independentemente de seu porte ou posição na rede de cidades, ainda que dela se estabeleçam diferenciações importantes. Por ser um processo contemporâneo, constituído de várias dinâmicas em curso, a fragmentação socioespacial caracteriza-se por ser um conceito polissêmico, ou seja, no qual é passível de ser atribuído uma série de significações (Sposito e Sposito, 2020).

Segundo Legroux (2021), a conceitualização desta noção nasce da procura de uma ferramenta descritiva e analítica para explicar as mudanças e as reestruturações em curso no espaço urbano a partir da década de 1970. Geradas pela lógica econômica atual em seus diferentes desdobramentos, tais mudanças contribuem para que se discorra, para além do processo de segregação socioespacial, característico das cidades, novas formas de diferenciação que agravam a precária sociabilidade existente nos espaços intraurbanos.

Desta maneira, para nós, as relações fragmentárias são, antes de tudo, derivações dos macroprocessos sociais que diferenciam as classes e estratos de classes na sociedade capitalista; o que nos leva a também aferir que os antigos processos de segregação socioespacial são, segundo Sposito e Góes (2013), radicalizados por meio da fragmentação socioespacial, materializando-se na produção e/ou na reestruturação dos diferentes espaços urbanos. É por isso que, na investigação do processo de fragmentação em Uberlândia (MG), deve começar, impreterivelmente, por aferir as mudanças conjunturais que levaram à superação do conceito de segregação.

Das ferramentas utilizadas no campo da pesquisa urbana, o conceito de segregação é o que apresenta uma história mais longínqua (Sposito e Góes, 2013). Proposto inicialmente no contexto da Escola de Chicago mediante a denominação “segregação residencial”, “[...] sua origem esteve associada à ideia de que o uso residencial do espaço urbano resultaria de um processo de competição entre os cidadãos, gerando grandes áreas de homogeneidade interna, tanto socioeconômica como cultural” (Sposito e Góes, 2013, p. 279).

Mediante o desenvolvimento dos estudos e pesquisas urbanos, a este conceito foram acrescidos uma série de adjetivos, tais como “social”, “espacial”, “socioespacial”, “urbana”, “residencial”, “étnica”, de maneira a distinguirem-se conceitualmente da terminologia adotada

inicialmente ou de serem utilizados como sinônimos da mesma, o que mais contribuiu para uma confusão conceitual do que para uma explicação científica. Nesse sentido, vários foram os sentidos atribuídos a esta palavra com o decorrer do tempo.

Ainda hoje, o conceito de segregação faz referência ao uso residencial do espaço urbano. Entretanto, à medida que se tem observado a reestruturação das cidades, frente à complexificação dos processos que ali ocorreram e ainda ocorrem, o conceito de segregação deixou de ser suficiente no que concerne a compreensão e investigação da realidade contemporânea. Mediante esta perspectiva, Sposito (2011) aponta que na atualidade pode-se falar em um processo que não é mais apenas de segregação socioespacial, nela incluída outras iniciativas: processo pelo qual ela denomina como “fFragmentação sSocioespacial”.

Segundo Sposito e Góes (2013) a fragmentação é:

“[...] A fragmentação [...] é um processo posterior, historicamente, ao de segregação, tanto quanto mais complexo no que toca suas condicionantes e dinâmicas [...] agora, novos elementos se combinam para o reconhecimento da fragmentação, como a existência de uma policentralidade e a conformação de territórios descontínuos, gerando morfologias menos integradas territorialmente” (Sposito e Góes, 2013, p. 305).

Neste contexto, as distâncias socioespaciais entre os cidadãos tendem a se expressar não apenas considerando a dimensão habitacional, estendendo-se a outros planos da vida urbana, tal como ao plano de consumo, do lazer e do trabalho. “Trata-se do aprofundamento das desigualdades, negando as possibilidades de diálogo entre as diferenças, o que justifica a adoção da noção de fragmentação socioespacial” (Sposito, 2011, P.142).

Para Alves (2020), mediante esta conjuntura, a vida e o cotidiano dos cidadãos passam a ser redefinidos por certa maximização da diferenciação socioeconômica efetivada no distanciamento ou fechamento das interações sociais (Alves, 2020).

Na mesma direção, para Legroux (2021), a fragmentação vai além da separação física e social para insistir em dinâmicas que intensificam as rupturas e a relativa incomunicabilidade entre diferentes pedaços cada vez mais desconexos e diferenciados. Para o autor, ela se expressa através de i) um acirramento dos processos de segregação e diferenciação dos e nos diferentes espaços urbanos, em termos de classes sociais e de funções atribuídas a estes (trabalho, lazer, moradia, etc.), e ii) formas e conteúdos urbanos socioespaciais cada vez mais complexos, com ênfase nas rupturas e separações a qual se derivam os processos de segregação e autossegragação.

Designando um processo de partição, segundo Navez-Bouchenine (2002), a fragmentação socioespacial caracteriza a explosão de um objeto espacial [a cidade] considerado como portador de uma unidade social. Frente a esta perspectiva, a lógica fragmentária faz referência à existência e constituição de espaços urbanos sob a forma de um arquipélago de fragmentos (pedaços, ilhas, enclaves, etc.) mal articulados entre si e com altos níveis de desigualdades em termos de acesso às infraestruturas e aos serviços urbanos (Legroux, 2021, p.35).

Dentre outros processos que contribuem para a deflagração/caracterização da fragmentação nas cidades, destaca-se o recente processo de autosegregação, isto é, o auto isolamento e a separação voluntária das classes médias e altas em espaços residenciais fechados (Sposito e Góes, 2013). Segundo Dal Pozzo (2011), com a influência do neoliberalismo, em consonância com novas formas de produzir o espaço urbano e de como organizá-lo, nos deparamos com um nível de complexidade maior acerca da segregação socioespacial, agora exigindo a incorporação da análise da autosegregação, mobilizada por parâmetros típicos das sociedades neoliberais, tais como a individualidade e o medo.

Aqui, cabe fazer uma diferenciação conceitual. Enquanto que na segregação “[...] é a maioria (no sentido político, econômico, cultural e religioso) que decide pela separação total ou relativa da minoria (maioria em termos populacionais, mas minorias em termos de representação), submetida a essa condição por razões de diferentes ordens [...]” (Sposito E Góes, 2013, p. 281) caracterizando a segregação imposta (Corrêa, 2004, p. 64), o termo autosegregação é a expressão da vontade daqueles que decidem se separar do restante cidade, em tendência, do grupo com melhores condições socioeconômicas. Segregação e autosegregação constituem, assim, facetas do processo de fragmentação, de maneira que a distinção entre estas duas está no ponto de vista a partir do qual a separação se estabelece (Sposito e Góes, 2013). Em nosso caso, identificamos na informação um processo de articulação de uma autosegregação colocada por uso corporativo do bairro Granja Marileusa, uma vez que ele expressa um processo de uso restrito, o qual identificamos como uso corporativo de uma porção da cidade de Uberlândia (MG).

O avanço em uma perspectiva da fragmentação ocorre, portanto - e como já referenciado -, por conta de a segregação ter se transformando em um conceito restrito, insuficiente para investigação das novas complexidades das práticas presentes nas cidades (Alves, 2021). De maneira paralela, a fragmentação começa a despontar como conceito quando se coloca como

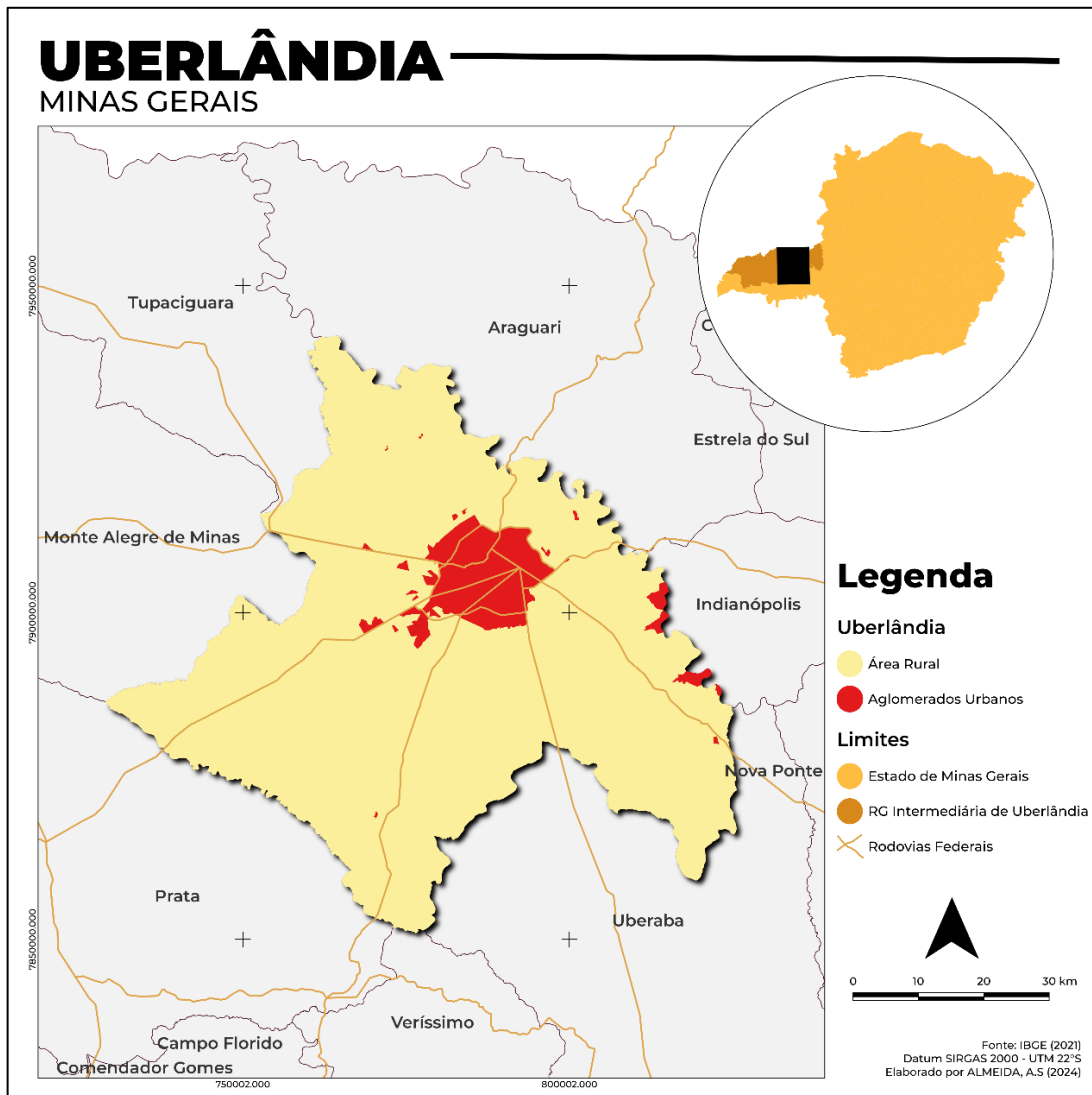
explicação abrangente da realidade (Legroux, 2021). A mesma ganha corpo para explicar a complexidade dos processos atuais das cidades, organizando um quantitativo considerável de processos e conceitos, alguns mais antigos (como os de segregação, de periferização, de diferenciação socioespacial, de desigualdades de acesso a bens e serviços básicos, desigualdades de renda, etc.) – e outros mais recentes (autossegregação, concentração dos mais ricos, policentralidade, etc.) (Legroux, 2021, p. 239).

Deste modo, constata-se que a noção de fragmentação socioespacial não nega outros conceitos e processos, mas, ao contrário, integra-os à análise, de modo a tornar-se uma ferramenta analítica e teórica para compreender as mudanças do urbano e as relações entre espaço e sociedade na fase atual do capitalismo (Legroux, 2021, p. 239). Segundo Legroux (2021) este conceito de investigação do urbano foi se fortalecendo a partir de análises empíricas recentes, empreendida no contexto das cidades contemporâneas.

3. FACES E CONTRAFACES DO BAIRRO GRANJA MARILEUSA

Foco de nosso estudo, Uberlândia (MG), possui a segunda maior população e economia de Minas Gerais (IBGE, 2020). Classificada como Capital Regional B, a rede urbana de Uberlândia (MG) possui alta densidade e estabelece forte centralidade na região que se localiza. Ressalta-se que nesse enquadramento também temos em consideração que a cidade ocupa papel de cidade média (SOARES, 2010), se destacando como principal vetor das ações empresariais e governamentais na região, extrapolando suas ordens às cidades locais, tendo assim papel fundamental para as articulações informacionais.

Mapa 1. Localização de Uberlândia (MG)



Elaborado pela autora (2024)

Segundo as atribuições de Santos (1994), a mudança paradigmática nos requisitos do território, impulsionada pelas necessidades de produção e pela fluidez imperativa da circulação, delineia um panorama urbano em constante transformação. Como consequência, a cidade, tal como historicamente concebida, já não alcança os imperativos da produção vigente.

Neste âmbito, torna-se essencial adicionar novos espaços urbanos, planejados e construídos, com o objetivo de atender às demandas específicas impostas pelas firmas na contemporaneidade. Nessa direção, a necessidade de reconfigurar o tecido urbano é uma constante, resultando em ciclos sucessivos de inviabilização e revitalização da cidade. Este processo não só amplia a expansão urbana, favorecendo os interesses dos grandes capitais, como também reconfigura a função da cidade como um todo.

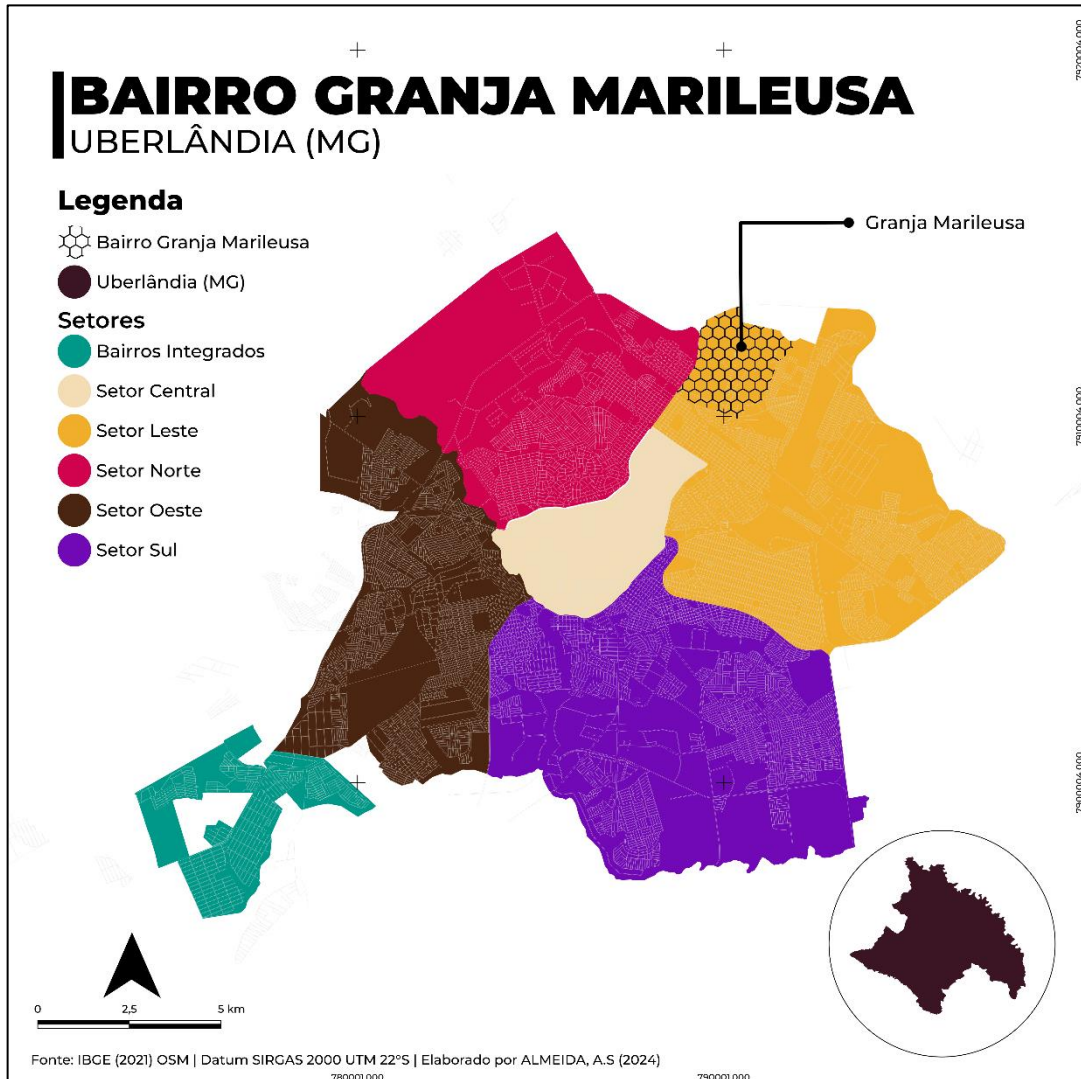
Frente a esse contexto, é pertinente salientar que que o espaço das grandes corporações é um espaço particular, majoritariamente organizado para atender às suas necessidades específicas. Enquanto isso, a cidade como um todo vai se adaptando, moldada pelas exigências do capital. Portanto, a explicação para o aumento do tamanho urbano não reside apenas em vazios especulativos, mas também na lógica espacial das empresas, que impulsiona a expansão urbana em busca de condições geográficas favoráveis à acumulação de capital (Santos, 1994).

Ao contextualizarmos esses aspectos intrínsecos da globalização contemporânea e suas implicações na estrutura urbana, podemos perceber como se desdobram nas dinâmicas específicas de localidades como Uberlândia (MG), onde o bairro Granja Marileusa emerge como uma peça integrante informacional dessa engrenagem global (Sakazaki, 2020). Longe de se limitar apenas a uma iniciativa imobiliária, o bairro informacional Granja Marileusa se insere nos desdobramentos de dinâmicas de poder, interesses corporativos e avanços tecnológicos e informacionais que permeiam a lógica do espaço urbano vigente.

O bairro Granja Marileusa, tido como o pioneiro bairro planejado de Uberlândia (MG), é fruto das ações e intervenções do Grupo *Algar Holding*. Sua concepção remonta ao ano de 2013, quando um conjunto de associações convergiu para a criação deste empreendimento urbanístico. O projeto de incorporação imobiliária, além de compor os empreendimentos como a sede do Grupo Algar, a Algar Tech, da Unialgar e do Centro de Soluções Corporativas da Algar - CSC, tem como desígnio estabelecer um “cluster” corporativo situado no setor leste de Uberlândia, precisamente na área outrora ocupada pela fazenda Marileusa, pertencente a Alexandrino Garcia (Oliveira, 2020). Ainda nas palavras do autor:

“Uma grande corporação, ao multiplicar as redes de interdependências junto aos seus centros de gestão territorial, atua para reforçar o controle sobre as atividades distintas de dada região. A particularidade das práticas do Grupo Algar para o apoio de complementaridades endógenas ganhou contornos evidentes na morfologia da cidade de Uberlândia, evidenciando o peso das práticas territoriais desta corporação. Contudo, e para além da assertiva que reforça as vantagens circulares da aglomeração, representa evidente estratégia de valorização do capital imobiliário e de obtenção de renda derivada da indução de usos específicos do solo urbano.” (Oliveira, 2020, p.16)

Mapa 2. Localização do Bairro Granja Marileusa



Elaborado pela autora (2024)

Evidenciar as faces e contrafaces que se reverberam na formação do bairro Granja Marileusa nos remete, em primeira instância, a reconhecer Uberlândia como palco de um discurso fomentado historicamente pelas elites empresariais locais, que foram amplamente difundidos e materializados pela mídia-local ao longo da sua história.

A história de Uberlândia, desde o início do século, revela a imposição desses valores políticos, sociais e culturais na construção da moldura urbana. A cidade, sob essa perspectiva, tornou-se um espaço disciplinado e regulado, onde a “ordem e o progresso” são priorizados em detrimento das demandas e necessidades de grande parte da população (Soares, 1997).

Os estudos de Soares (1997) ganham uma nova dimensão quando consideramos o arquivo público intitulado "Uberlândia 134 anos: o planejamento da modernidade", disponível no website da Prefeitura Municipal de Uberlândia (2022). Através do documento intitulado de "Como a união da cidade, políticos e moradores resultou em um município sempre à frente de seu tempo", encontramos uma compilação de fatos históricos que destacam o papel de diversos agentes "visionários" na formação e desenvolvimento de Uberlândia.

Este discurso é especialmente evidente nas palavras do antigo procurador geral do Município de Uberlândia, Oscar Virgílio Pereira:

“Desde sempre, a cidade como um todo só pensava em desenvolvimento, sem desavenças por visões diferentes, havia uma união de diversos grupos e pensamentos, pois priorizava-se apenas o melhor para a cidade. Se observar a história da construção da Universidade Federal de Uberlândia isso aconteceu, no desenvolvimento das estradas também, ou seja, todos os esforços eram voltados para traçar o caminho do desenvolvimento” (PEREIRA/PMU, 2022)

O crescimento de Uberlândia, especialmente a partir dos anos 50, decorreu de uma série de eventos marcantes, como a transferência da capital federal para o Planalto Central (que posicionou a cidade em um posto estratégico no desenvolvimento rodoviário) e a subsequente modernização do campo, a industrialização e a chegada da Universidade Federal. Todavia, esse processo, embora tenha trazido avanços significativos que despontaram no crescimento e desenvolvimento da cidade, também acentuou a concentração de poder nas mãos de uma elite empresarial local (SOARES, 1995).

Nesse âmbito, destacamos que a referida cidade sempre esteve apoiada em discursos que sustentam a cidade como um símbolo de "progresso e modernidade", conforme apresenta Soares (1995) e reforçado por (Sakazaki, 2020) denotando-se em adjetivos ilustrados como “Cidade Jardim”; “Cidade Industria”, “Portal do Cerrado”, bem como se reverbera atualmente como “Cidade Digital” (PMU, 2019). Tais expressões, visando não só promover as ideias de desenvolvimento econômico e expansão urbana, também se inserem na manutenção do controle e dominação de grupos empresariais seletos.

Em outras palavras, podemos afirmar que, essa elite formada por empresariais locais, que detém o controle há décadas de Uberlândia, promove um discurso que destaca o progresso da cidade e a ordem social como pilares fundamentais. No entanto, por trás dessa narrativa de

desenvolvimento, existe uma realidade em que o espaço urbano é moldado para preservar o status quo e garantir a dominação política e econômica desses grupos.

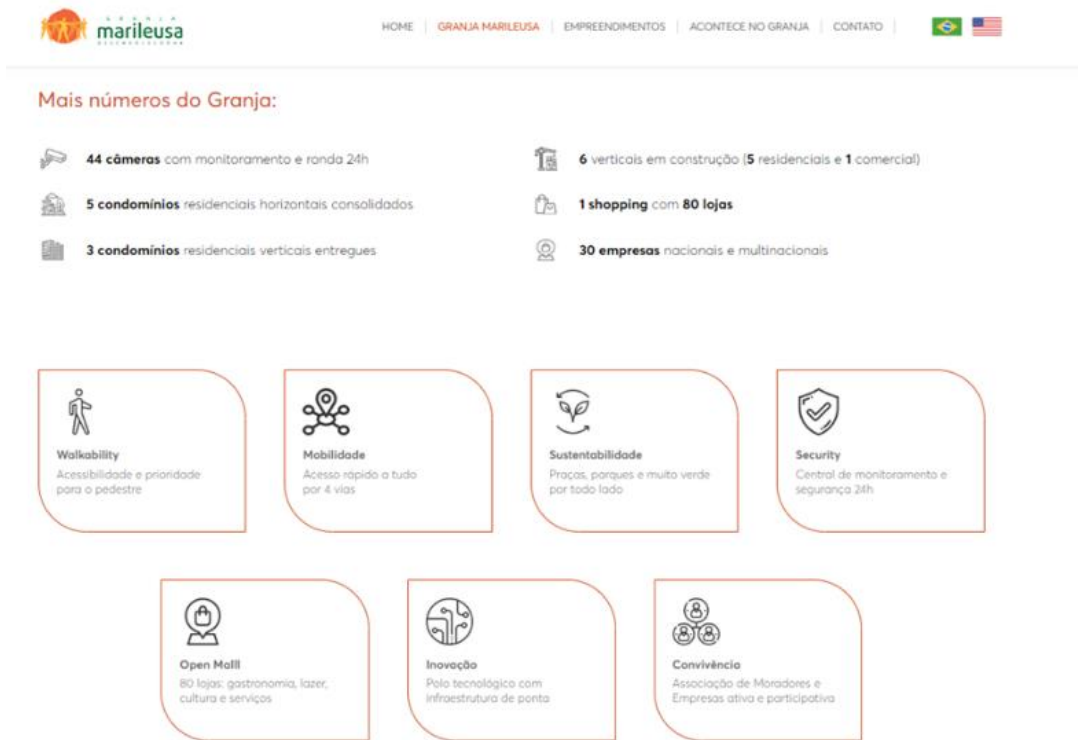
Nesse contexto, o surgimento do bairro informacional Granja Marileusa é uma extensão dos processos de dominação e influência exercidos pela elite empresarial local de Uberlândia. Como parte proeminente das elites empresariais locais, o Grupo Algar exerce uma dinâmica de poder significativa que transcende tanto o cenário político quanto o econômico da região.

Logo, com sua influência abrangente em setores-chave da economia, como Tecnologia da Informação e Comunicação, agronegócio e turismo, o Grupo Algar desfruta de uma posição privilegiada, que se dá, atrelado ao Estado, na definição das políticas urbanas e no direcionamento do desenvolvimento urbano de Uberlândia, perfazendo o espaço urbano de acordo com seus interesses.

A criação do bairro informacional Granja Marileusa, portanto, reflete a continuidade desses processos de dominação e influência, onde os interesses do Grupo Algar são priorizados na configuração do espaço urbano de Uberlândia.

Ao adotar vertentes pragmáticas de desenvolvimento urbano alinhadas à ordem neoliberal vigente, ancoradas em conceitos como "comunidade sustentável, *walkability*, *smart city* e novo urbanismo", o bairro cria contrastes midiáticos que fortalecem o slogan que consiste no equilíbrio entre áreas residenciais, comerciais e de lazer (Granja Marileusa, 2023). Conforme podem ser observadas ao visitar o website do próprio bairro através da Figura 1.

Figura 1. Website do Bairro Granja Marileusa



Fonte: Granja Marileusa (2023)

Tal dinâmica é sustentada pela presença contínua de vigilância, manifestada por sistemas de monitoramento 24 horas, englobando câmeras de segurança e patrulhamento contínuo. A predominância de condomínios fechados também são elementos expressivos neste contexto. Ao longo de uma década de sua consolidação, observamos a edificação de cinco condomínios residenciais horizontais, três edifícios residenciais verticais, além da construção em curso de cinco novas residenciais e uma estrutura comercial. Apesar de se auto anunciar como um "bairro-cidade", o Granja Marileusa exhibe um centro comercial que, apesar de referido como "shopping", mais se assemelha a uma galeria, abrigando aproximadamente 80 lojas.

Além disso, a presença de 30 empresas que exercem caráter de atividades em âmbito nacional e multinacional no bairro, juntamente com uma força de trabalho estimada em 12 mil trabalhadores, à primeira vista, poderia sugerir um cenário de desenvolvimento econômico próspero. No entanto, esta aparência de prosperidade é, em grande medida, limitada pelas próprias dinâmicas e composições do conglomerado Algar.

É importante salientar que uma parcela considerável desses trabalhadores está vinculada às operações dos Contact Centers da Algar Tech – que em sua maioria, ocupam posições de trabalho precárias, que não oferecem oportunidades significativas de ascensão profissional ou de melhorias salariais substanciais, enquanto as empresas multinacionais são, em sua grande parcela, relacionadas ao próprio grupo Algar.

Nessa direção, é imperativo ressaltar que a configuração do Granja Marileusa é direcionada para atender majoritariamente as camadas privilegiadas da população. Concebido sob a égide de planejamento de consultorias, como a Urban System, o bairro incorpora a lógica que favorece a existência da fragmentação socioespacial intraurbana de Uberlândia. Assim, tal perspectiva de desenvolvimento informacional também evidencia as disparidades sociais e as contradições presentes na referida cidade.

A emergência de uma série de ocupações urbanas, conforme destacado por Bicalho (2022), e a centralização do poder na dinâmica urbana de Uberlândia, evidenciam as profundas desigualdades subjacentes. Assim, a materialização do Granja Marileusa, embora se oriente sob o discurso utópico de um espaço onde todas as necessidades de seus habitantes são atendidas, se esbarra com a realidade da fragmentação socioespacial presentes no contexto intraurbano de Uberlândia, colaborando para a reprodução e perpetuação de hierarquias e exclusões e principalmente, pela contradição.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A inserção do bairro Granja Marileusa em Uberlândia revela nuances complexas que transcendem a construção de um bairro informacional. Sob a égide do desenvolvimento e progresso historicamente construídos e propagados pela imagem idealizada da cidade, emerge um cenário de fragmentação socioespacial, onde o *marketing* desempenha um papel preponderante na elaboração dessa narrativa.

O fenômeno da fragmentação socioespacial em Granja Marileusa é emblemático de uma realidade cada vez mais comum nas cidades contemporâneas. Por um lado, vemos a exaltação de um estilo de vida "bairro-cidade", com a promoção de espaços supostamente exclusivos, repletos de infraestrutura de alto padrão e impulsionados pela tecnologia abrangente. Por outro lado, essa realidade coexiste com a segregação e exclusão de segmentos populacionais marginalizados. O acesso a tais espaços é, por vezes, limitado, destacando-se a presença de

trabalhadores precarizados, que atuam como operadores de teleatendimento no Contact Center da Algar Tech.

A forte influência do grupo *Algar Holding* a configuração e promoção de Granja Marileusa evidencia a predominância de interesses privados na configuração do espaço intraurbano. Ao privilegiar estratégias de marketing, o grupo não apenas perpetua a idealização da cidade como um palco de desenvolvimento e ideais informacionais, que vislumbram Uberlândia como uma cidade regida pelo contexto informacional, mas também busca ocultar as desigualdades e contradições subjacentes à totalidade da cidade.

Dessa maneira, analisando o contexto apresentado, identificamos que o bairro Granja Marileusa se insere em um cenário que ressalta o fortalecimento de uma imagem idealizada e historicamente construída de Uberlândia, como uma cidade “próspera” pautada pelo desenvolvimento e progresso. Entretanto, este bairro se materializa de forma controversa, evidenciando a fragmentação socioespacial, onde o marketing prevalece sob uma ótica idealizada e fortemente construída pelo grupo *Algar Holding*.

5. REFERÊNCIAS

ALVES, Afonso Muzzo; FURINI, Luciano Antonio. Fragmentação Socioespacial Urbana: tendências em uma cidade de porte médio. *Boletim de Geografia, Maringá*, v. 38, n. 3, p. 56-75, 2020.

BICALHO, Beatriz. Segregação urbana em Uberlândia (MG): emergência das ocupações dos sem-teto. 2022. 252 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2022.

CORREA, Roberto. Lobato. *O Espaço Urbano*. São Paulo: Ática, 1989.

DAL POZZO, Clayton Ferreira. Territórios de autoss segregação e de segregação imposta: fragmentação socioespacial em Marília e São Carlos. 2011. 316 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade Ciências e Tecnologia, 2011.

FARINIUK, Tharsila Maynardes Dallabona. "Da cidade inovadora à cidade inteligente: uma análise de construções discursivas na cidade de Curitiba (PR)." *Revista Tecnologia e Sociedade* 16.42 (2020): 190-206.

FARINIUK, Tharsila Maynardes Dallabona. A construção multifacetada do conceito de smart city: o panorama brasileiro e o caso de Curitiba-PR (Tese de Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Gestão Urbana. PUCPR. Curitiba, 2018.

GRANJA MARILEUSA. Granja Marileusa. 2023. Disponível em: <https://www.granjamarileusa.com.br/>. Acesso em: 02 fev. 2024.

IBGE. Cidades - Panorama de Uberlândia (MG). 2020. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/uberlandia/panorama>. Acesso em: 01 fev. 2023.

LEGROUX, Jean. A lógica urbana fragmentária: Delimitar o conceito de fragmentação socioespacial. *Caminhos de Geografia*, v. 22, n. 81. p. 235-248, 2021.

MARCUSE, Peter. *Of states and cities: the partitioning of urban space*. Oxford: Oxford University Press, 2003.

NAVEZ-BOUCHANINE, Françoise. Des villes entre fragmentation spatiale et fragmentation sociale: une approche critique de la notion de fragmentation. In: DORIER-APPRILL, Elisabeth (dir.). *Vocabulaire de la ville. Notions et références*. Paris: du Temps, 2002.

OLIVEIRA, Fernando. Fernandes. de .; CASTILHO, Dênis. . Redes organizacionais, sinergias locais e interações espaciais: o projeto Granja Marileusa e a atuação do Grupo Algar em Uberlândia (MG). *Revista Cerrados*, [S. l.], v. 18, n. 02, p. 03–29, 2020.

Prefeitura Municipal de Uberlândia. Uberlândia 134 anos: passado e presente da capital do Triângulo Mineiro. 2022. Disponível em: <https://www.uberlandia.mg.gov.br/2022/08/01/uberlandia-134-anos-passado-e-presente-da-capital-do-triangulo-mineiro/>. Acesso em: 02 mar. 2024.

SAKAZAKI, Beatriz Sayuri Campaner. O Paradoxo da Fragmentariedade Urbana em Uberlândia/MG: Granja Marileusa e Élisson Prieto. 2020. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2021.

SANTOS, Isabôhr Mizza Veloso; MAGRINI, Maria Angélica de Oliveira. Elementos para compreender a fragmentação socioespacial em Ituiutaba-MG: Uma análise a partir das percepções de insegurança urbana. *Brazilian Geographical Journal: Geosciences and Humanities research medium*, Ituiutaba, v. 11, n. 2, p. 81-99, ago./dez. 2020.

SANTOS, Milton. *Por uma economia política da cidade*. SP: Hucitec /Educ, 1994

SOARES, Beatriz Ribeiro. *Uberlândia (MG): a cidade jardim ao portal do cerrado - imagens e representações no triângulo mineiro*. 1995. Tese (Doutorado) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 1995.

SOARES, Beatriz Ribeiro. *Uberlândia: a cidade jardim ao portal do cerrado - imagens e representações no Triângulo Mineiro*. 1995. Tese (Doutorado) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 1995.

SOARES, Beatriz Ribeiro. *UBERLÂNDIA: IMAGENS E REPRESENTAÇÕES* In: 6º Encontro de Geógrafos da América Latina. Buenos Aires, Argentina, 1997. Anais. Disponível em:<http://observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egal6/Geografiasocioeconomica/Geografiaespacial/632.pdf>

SPOSITO, Eliseu Savério; SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão Sposito. *Fragmentação Socioespacial*. Mercator, Fortaleza, v.19 , e19015, 2020.

SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão . *A produção do espaço urbano: escalas, diferenças e desigualdades socioespaciais*. In: CARLOS, A. F. A.; SOUZA, M. L.; SPOSITO, M. E. B; (org.). *A produção do espaço urbano: agentes e processos, escalas e desafios*. São Paulo: Contexto, p. 123-145, 2011.

SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. (org.). *Fragmentação socioespacial e urbanização brasileira: escalas, vetores, ritmos, formas e conteúdos*. Projeto de pesquisa. Presidente Prudente, 2018.

SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão; GÓES, Eda Maria . *Espaços Fechados e Cidades: insegurança urbana e fragmentação socioespacial*. São Paulo: Unesp, 2013.